Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

BREVE APANHADO SOBRE METODOLOGIAS DE PESQUISA EM ARTES DA CENA

BRIEF OVERVIEW OF RESEARCH METHODOLOGIES IN THE PERFORMING ARTS

BREVE RESUMEN SOBRE METODOLOGÍAS DE INVESTIGACIÓN EN ARTES ESCÉNICAS

Juliana Kersting
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFGRS, Porto Alegre/RS, Brasil

Resumo

O artigo apresenta um panorama das metodologias de pesquisa em Artes da Cena, destacando como a prática artística se constitui em modo próprio de produção de conhecimento. Discute-se a interdisciplinaridade e a influência de outras áreas do conhecimento, reconhecendo que, apesar de empréstimos metodológicos de campos externos, os modos de fazer artísticos mantêm especificidades singulares. São abordadas metodologias como a Investigação Baseada nas Artes (IBA/ABR), a A/R/Tografia, a Pesquisa Performativa e a Somático-Performativa, enfatizando a centralidade da experiência encarnada e da descrição detalhada das práticas. O texto evidencia que o conhecimento produzido no fazer, no experienciar e no convívio possibilita imaginar outros mundos, ao mesmo tempo em que problematiza a dificuldade de articular pesquisa teórica e empírica.

Palavras-chave Pesquisa em Artes da Cena; Prática como pesquisa; Bricolagem.

Abstract

This article presents an overview of research methodologies in the Performing Arts, highlighting how artistic practice constitutes a distinct mode of knowledge production. It discusses interdisciplinarity and the influence of other fields of knowledge, recognizing that, despite methodological borrowings from external areas, artistic ways of doing retain unique specificities. Methodologies such as Arts-Based Research (ABR), A/R/Tography, Performative Research, and Somatic-Performative approaches are addressed, emphasizing the centrality of embodied experience and the detailed description of practices. The text demonstrates that knowledge produced through making, experiencing, and being in relation enables the imagination of other worlds, while also problematizing the challenge of articulating theoretical and empirical research.

Keywords: Research in Performing Arts; Practice as Research; Bricolage.

KERSTING, Juliana. BREVE APANHADO SOBRE METODOLOGIAS DE PESQUISA EM ARTES DA CENA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-20.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Resumen

El artículo presenta un panorama de las metodologías de investigación en Artes Escénicas, destacando cómo la práctica artística se constituye en un modo propio de producción de conocimiento. Se discute la interdisciplinariedad y la influencia de otras áreas del saber, reconociendo que, a pesar de los préstamos metodológicos de campos externos, los modos de hacer artísticos conservan especificidades singulares. Se abordan metodologías como la Investigación Basada en las Artes (IBA/ABR), la A/R/Tografía, la Investigación Performativa y la Somático-Performativa, enfatizando la centralidad de la experiencia encarnada y de la descripción detallada de las prácticas. El texto evidencia que el conocimiento producido en el hacer, en la experiencia y en la convivencia posibilita imaginar otros mundos, al mismo tiempo que problematiza la dificultad de articular investigación teórica y empírica.

Palabras clave: Investigación en Artes Escénicas; Práctica como investigación; Bricolaje.

Introdução

O artigo que segue apresenta um panorama sobre algumas possibilidades metodológicas de pesquisa que tomam como perspectiva as práticas artísticas no campo das Artes da Cena e em outras áreas de conhecimento. Com este apanhado, busco evidenciar ferramentas metodológicas que reconhecem na experiência, no fazer, procedimentos de pesquisa próprios das Artes Cênicas, e, a partir disso, desenvolver uma reflexão acerca do assunto que contribua para o acesso e o fomento à pesquisa.

O estudo de metodologias de pesquisa em Artes da Cena está em expansão, haja vista a multiplicidade de publicações dedicadas ao tema (Brandão, 2000; Marinis, 2012; Bolognesi, 2012; Davini, 2012; Florentino, 2011, 2012; Dusigne, 2019). Contudo, eventualmente, no desenvolvimento da pesquisa, são tomadas emprestadas metodologias de outros campos de conhecimento, que, em alguns casos, realmente se conectam ao campo investigado, mas, em outros, são escolhidas por oferecerem modelos já estabelecidos no meio acadêmico.

Cabe ressaltar que não pretendo entrar em julgamentos que possam apontar se uma metodologia é melhor do que a outra, pois a interdisciplinaridade é algo

Volume 2026
ISSN 2319-0868

"intrínseco ao pensamento artístico e teórico-artístico", operando para ampliar "as fronteiras conceituais e fenomênicas das linguagens" (Documento de área-artes CAPES, 2019, p. 10). No entanto, reconheço que "os saberes inerentes ao fazer teatral precisam ser [...] abordados sem vistas a uma superada essencialidade, mas destacando e potencializando as estruturas recorrentes" (Silva, 2017, p. 89).

As referências bibliográficas que alimentam esta reflexão foram definidas a partir de alguns parâmetros específicos e reunidas em três blocos. A partir de pesquisa realizada em sites de busca na internet utilizando as expressões "pesquisa em Artes Cênicas" e "metodologia de pesquisa em Artes da Cena", encontrei alguns livros dedicados ao tema que estão indicados no bloco 1. No bloco 2, estão reunidas publicações que partiram de vivências e indicações em disciplinas do doutorado, encontros de orientação e referências que encontrei em leituras. Por fim, no bloco 3, reúno revisões bibliográficas que colaboram para o reconhecimento de autoras(es) que compõem o que considero um panorama das metodologias de pesquisa em Artes da Cena nos últimos 20 anos.

Nesse recorte, escolho, preferencialmente, publicações de autoria brasileira, citando somente a pesquisadora estrangeira Sylvie Fortin (2009, 2014) e os pesquisadores estrangeiros Pierre Gosselin (2014), Fernando Hernández Hernández (2008) e Henk Borgdorff (2017), em função de sua relevância no campo das metodologias em Artes ou baseada nas Artes.

Comentado [M1]: Referenciar o ano das publicações dos autores

Comentado [JK2R1]: Corrigido

A partir desse levantamento, reconheço que os estudos sobre metodologias de pesquisa em Artes têm se ampliado ano a ano, com inúmeras(os) estudiosas(os) dedicadas(os) à temática. Em função de tal multiplicidade, expomos aqui somente parte das pesquisas produzidas, deixando de fora outras tantas que não conheci ou mesmo que estão em desenvolvimento. Centralizei a busca na área das Artes Cênicas, mas, com frequência, aparecem pesquisadores(as) de outras linguagens artísticas, como Silvio Zamboni[1] (2001) nas Artes Visuais, Daniel Lemos Cerqueira (2021) na Música, ou no campo dos Estudos Culturais, com Alba Maria Pinho de Carvalho (2012), demonstrando que as pesquisas não estão estanques ou isoladas e apresentam variadas formas, caminhos e validações. Como aspecto geral, os

[1] Silvio Zamboni além de ser autor de uma das primeiras obras no Brasil dedicada ao tema, *A Pesquisa em Arte – um paralelo entre Arte e Ciência* (2001), foi uma das pessoas diretamente envolvida no estabelecimento da área das Artes junto ao CNPq, aprovada em 1984.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

artigos e livros consultados foram publicados entre os anos de 2001 e 2024, com produção mais intensa a partir de 2006.

Bloco 1 - Livros dedicados à Metodologia em Artes

Pesquisa Em Artes Cênicas – textos e temas, organizado por Narciso Telles, em que são apresentados uma série de artigos que provocam a discussão e reflexão sobre questões de ordem metodológica e epistemológicas na pesquisa em Artes Cênicas, tem como objetivo "contribuir com o debate sobre as múltiplas possibilidades de entendimento das teorias e práticas de investigação que têm se ampliado nos últimos anos no contexto nacional e internacional" (Telles, 2012, p. 13);

Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas (memória ABRACE IX), organizado por André Carreira, Biange Cabral, Luis Fernando Ramos e Sergio Coelho Farias (2006). Teve origem no terceiro congresso da ABRACE, quando os Grupos de Trabalho da associação foram convidados a refletir sobre alternativas de metodologias de pesquisa;

Arte, corpo e pesquisa na cena: experiência expandida, organizado por Ana Maria Rodriguez Costa, Arnaldo Alvarenga, Beatriz Cerbino, Bya Braga e Eugenio Tadeu Pereira (2015). Teve origem no oitavo congresso da ABRACE.

Bloco 2 - Artigos publicados em revistas do campo das Artes, da Educação ou dos Estudos Culturais

O capítulo *Bricolagem metodológica na pesquisa com professoras de dança: tramas, fazeres e percursos a/r/tográficos*, de Josiane Gisela Franken Corrêa e Vera Lúcia Bertoni dos Santos, publicado em 2020 no e-book *Pesquisa em Artes Cênicas em tempos distópicos: Rupturas, distanciamentos e proximidades*, produzido pelo PPGAC/UFRGS.

O artigo *Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística*, de Sylvie Fortin, publicado em 2009 na revista CENA.

Na revista *Art Research Journal*, em 2014, Sylvie Fortin e Pierre Gosselin publicaram o texto *Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico*.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Também em 2014, Ciane Fernandes apresentou o artigo *Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração*, publicado na revista Art Research Journal.

Henk Borgdorff, em 2017, publicou na revista OPUS o artigo *O conflito das faculdades: sobre teoria, prática e pesquisa em academias profissionais de artes*.

Na Revista Científica FAP, em 2017, Sandra Meyer publicou o texto *A pesquisa como experiência: a ação da teoria e a prática do conhecimento em dança*.

Em 2018, na revista Moringa, Marilia Velardi apresentou o artigo *Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa*.

O artigo *Pesquisa performativa: o corpo como meio de investigação*, de Bya Braga e Nailanita Prette, foi publicado em 2020 na revista DAPesquisa.

Em 2021, André Carreira, Biange Cabral e Diego de Medeiros Pereira publicaram o artigo *As Artes da Cena como conhecimento e pesquisa na escola*, na Revista NUPEART.

Na revista Educação em Revista, em 2016, Marilda Oliveira de Oliveira e Leonardo Augusto Charreu apresentaram o artigo *Contribuições da perspectiva metodológica "investigação baseada nas artes" e da a/r/tografia para as pesquisas em educação*.

O ensaio *Por uma escuta da arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa*, de Rosa Maria Bueno Fischer, foi publicado em 2021 na Revista de Estudos da Presença.

O estudo *O invisível feito visível: um estudo sobre a formação do ator na universidade*, de Mirna Spritzer, foi publicado em 2000 pelo GEARTE/IA/UFRGS.

Por fim, Mariana Baruco Machado Andraus publicou, em 2022, na Revista de Estudos da Presença, o artigo *Artes da Cena e Teorias de Conhecimento: pesquisas poéticas em cena à luz do pensamento de Thomas Kuhn*.

Bloco 3 - Revisões bibliográficas que compõem parte do panorama das metodologias de pesquisa em Artes da Cena nos últimos 20 anos

O artigo *Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais*, de Ciane Fernandes e Melina Scialom, foi publicado em 2022 na Revista de Ciências

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Humanas, no dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena.

Na Revista Pensar a Prática, em 2023, André Bizerra e Marília Velardi publicaram o artigo *Mapeamento da produção artístico-acadêmica de Dança nos programas brasileiros de pós-graduação em Artes: um olhar sobre os métodos de investigação*.

O artigo *La investigación basada en las artes: Propuestas para repensar la investigación en educación*, de Fernando Hernández Hernández, foi publicado em 2008 na revista Educatio Siglo XXI.

A seguir, faço uma breve exposição sobre o contexto das Artes Cênicas nos cursos de pós-graduação no Brasil a partir de registros e estudos de pesquisadores(as) do campo, para então apresentar algumas definições e metodologias de pesquisa, ressaltando sua relação direta com modos de registro e escrita. Aborda-se também a potência que o processo criativo tem de influenciar outras áreas de conhecimento.

Um pouco de contexto sobre as Artes da Cena nos Programas de Pós-Graduação no Brasil

Segundo o diretor e pesquisador André Carreira (2012), os cursos de pós-graduação[2] em Artes Cênicas no Brasil e, consequentemente, a pesquisa na área, são relativamente recentes na academia, sobretudo se comparados à longevidade de outros cursos universitários e de suas metodologias científicas. Carreira lembra que, na década de 1990, “existiam seis cursos de mestrado e quatro de doutorado em artes cênicas e teatro, um mestrado em dança, oito mestrados e três doutorados em artes com linhas de pesquisa relacionadas às artes cênicas” (p. 18). Algumas das tensões entre teoria e prática, arte e ciência, pesquisa artística e pesquisa científica provavelmente emergiram nesse contexto, já que “esse processo não se

[2] A área de Artes passou a integrar o Sistema Nacional de Pós-graduação a partir de 1974, com a abertura do Mestrado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo ECA/USP (CAPES, Documento de Área – Artes 2019, p. 2).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

deu sem explicitar contradições entre o fazer artístico e os procedimentos acadêmicos tradicionais" (Carreira, 2012, p. 18).

Como não havia, até então, uma tradição metodológica consolidada no âmbito acadêmico, a pesquisa em Artes da Cena "é herdeira das pesquisas do campo da literatura e da linguística, dado que antes de ser abordado em sua dimensão espetacular o teatro foi considerado […] como texto dramatúrgico" (Carreira, 2012, p. 18). O autor acrescenta que, por esse motivo, uma "ciência do teatro" foi inicialmente estruturada como leitura do texto, para depois ser compreendida como estudo do texto espetacular e de seu funcionamento (Carreira, 2012, p. 19).

> Com isso, as abordagens da semiótica ganharam valor entre nossas pesquisas dando relevo às obras de autores como Roland Barthes, Anne Ubersfeld, Patrice Pavis. A possibilidade de se construir teorias para as operações da cena contribuíram para uma significativa transformação dos estudos teatrais. Isso deve ser relacionado também com os estudos sociológicos, onde podemos destacar o trabalho de Jean Duvignaud, e com as propostas da antropologia de onde provém a produção de Victor Turner. (Carreira, 2012, p. 19).

O pesquisador Narciso Telles, artista-docente, observa que "especialmente [nas] artes cênicas, uma primeira geração de pesquisadores veio de outros campos do conhecimento, ciências humanas, letras, filosofia entre outros" (2012, p. 47). Assim, os primeiros estudos foram desenvolvidos sob essa perspectiva, "centrados nas áreas de história e crítica literária. Estes pesquisadores tiveram decisivo papel para o início e consolidação dos estudos teatrais nas Universidades Brasileiras e na criação dos programas de Pós-graduação em Artes (Cênicas)" (Telles, 2012, p. 48). Assim como Carreira, Telles reconhece a relevância das primeiras pesquisas realizadas, mas alerta que "os cânones da pesquisa científica e suas estruturas metodológicas determinaram a forma de compreensão do fenômeno artístico aceito no 'mundo acadêmico'" (2012, p. 47-48).

As pesquisadoras Ciane Fernandes e Melina Scialom (2022) descrevem o perfil dos(as) primeiros(as) professores(as) dos programas de pós-graduação em quatro categorias, ressaltando a presença de artistas:

> Artistas que adquiriram o diploma de pós-graduação após vários anos lecionando em universidade; artistas com diploma de pós-graduação de outras áreas do conhecimento; artistas com diploma de pós-graduação em artes do exterior; ou escritores/pesquisadores teóricos que tinham alguma experiência artística (críticos de arte, antropologistas, educadores físicos, historiadores etc.). Isto significa que os programas de pós-graduação acabaram por incluir uma mistura de abordagens, nem sempre preservando a prática artística ou reconhecendo o conhecimento prático como uma atividade de pesquisa." (Fernandes & Scialom, 2022, p. 5-6).

A colocação das autoras reforça que, embora artistas tenham participado da criação dos programas, a prática artística foi frequentemente preterida em favor de uma suposta confiabilidade teórica. Em levantamento realizado na plataforma Sucupira, Marilia Velardi e André Bizerra (2023) identificaram 70 cursos acadêmicos avaliados e reconhecidos em Artes no Brasil, evidenciando o crescimento expressivo da área, sobretudo nas universidades públicas. Esse cenário tem ampliado o acesso à pesquisa e, ao mesmo tempo, fortalecido a presença de artistas – docentes e discentes – nos programas, o que contribui para a valorização da prática artística no âmbito acadêmico.

Assim, novos modos de pesquisar vêm sendo criados e experimentados. A presença de artistas na universidade e a incorporação de perspectivas inovadoras de investigação mobilizam reconhecimento e evidenciam formas de pesquisa distintas dos métodos científicos tradicionais, levantando questões epistemológicas e metodológicas que permanecem em debate.

Pesquisa em Artes da Cena

Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014) apontam que os termos capazes de definir "o que é, pode ser ou será a pesquisa em Artes" ainda estavam em construção. Nesse sentido, "podemos postular que a pesquisa nas artes, no sentido mais amplo, se aplica à investigação que é realizada no campo das artes. É uma forma de abordar artistas, seus processos e os seus produtos" (p. 1).

> **a pesquisa nas artes**, no sentido mais amplo, se aplica à investigação que é realizada no campo das artes. É uma forma de abordar artistas, seus processos e os seus produtos. A pesquisa nas

> artes pode incluir pesquisas sobre as artes (por exemplo, a compreensão das músicas para dançar do século XVIII), **pesquisas para as artes** (por exemplo, a compreensão do impacto dos dispositivos eletrônicos entre dançarinos e iluminação), **pesquisas em artes** (por exemplo, a compreensão do conhecimento incorporado de um coreógrafo ou artista) (Fortin e Gosselin, 2014, p. 1. Grifo nosso).

Fernando Aleixo (2012) situa o conceito de Pesquisa em Artes como "inacabado, indefinido e em constante movimento de construção" e observa que "muitas tentativas de formulações de conceitos acabam escapando das mãos, escorrem líquidas e caem em transformação" (p. 6). No que diz respeito ao caráter específico da Pesquisa em Artes em relação às outras áreas de conhecimento, o autor evidencia que "a distinção entre arte e ciência acontece no sentido metodológico e não de relevância" (p. 7), ou seja, não significa que um campo seja melhor que o outro, mas seus procedimentos, modos de fazer e produzir conhecimento são diferentes.

Comentado [M3]: Rever forma da referência

Comentado [JK4R3]: corrigido

Segundo Fortin e Gosselin (2014), estudantes/artistas ao ingressarem no programa de doutorado, na Universidade de Quebec em Montreal, no Canadá, sentiam-se deslocados e sem saber tirar proveito de seus conhecimentos artísticos e "aspiram a uma respeitabilidade, a qual, estranhamente, conectam com o modelo dominante de pesquisa, o positivismo" (p. 2). No paradigma positivista, pontuam a autora e o autor, "existe uma realidade observável e mensurável, que é divisível em variáveis que podem ser estudadas de acordo com os modelos hipotético e dedutivo. [...] O objetivo da pesquisa é predizer e controlar os fenômenos" (p. 3), e em poucos casos é tomado em pesquisas criação. De outro modo, o paradigma pós-positivista/qualitativo é mais adequado para as pesquisas em criação,

> pois postula a existência de múltiplas construções da realidade segundo os pontos de vista dos pesquisadores. [...] difere do paradigma positivista quanto à crença de que o conhecimento não pode ser separado do investigador. [...]é mais apropriado [...] uma vez que eles enfocam aspectos do mundo experiencial individual, subjetivo ou intersubjetivo. (Fortin e Gosselin, 2014, p. 4).

Fortin (2009) relata que os projetos sobre práticas artísticas podem ser realizados sobre a própria obra da(o) estudante ou sobre outra(o) artista, e a

Volume 2026
ISSN 2319-0868

etnografia ou autoetnografia "podem ser considerados como métodos de pesquisa podendo inspirar a 'bricolagem' metodológica do pesquisador(a) em prática artística" (p.78). A autora compreende a bricolagem como "integração dos elementos vindos dos horizontes múltiplos" e completa, dizendo:

> Os empréstimos são aqui pertinentemente integrados a uma finalidade particular que, muitas vezes, pelos pesquisadores em arte, toma a forma de uma análise reflexiva da prática de campo. (Fortin, 2009, p. 78).

Marília Velardi (2018) escreve a partir da perspectiva da pesquisa radicalmente qualitativa e, ao refletir sobre a pesquisa em artes, também aborda a bricolagem como possibilidade, questionando: "Não seria o caso de, ao invés de buscarmos um modo específico de investigar [...] que atendesse à lógica disciplinar, nós nos abríssemos para a ideia de fluidez entre métodos, de bricolages, de métodos sem métodos?" (p. 47).

Entendo que as autoras convergem quanto à bricolagem de métodos sob a perspectiva da pesquisa qualitativa. Ainda que Velardi sugira um "método sem métodos", os caminhos apontados parecem conduzir a um mesmo horizonte. A autora acrescenta que, "sabendo o que a academia pode favorecer e não só oferecer" (p. 47), artistas-pesquisadores(as) podem criar "percursos investigativos e métodos singulares para as suas pesquisas" (p. 47).

Nesse mesmo sentido, Bya Braga e Nailanita Prette (2020) consideram que a Pesquisa Performativa e a Pesquisa Somático-Performativa acolhem "proposições para os estudos práticos realizados e também para a construção da escrita que emana dos laboratórios de pesquisa, construída por meio de diário de bordo" (p. 1). Ao se posicionarem a respeito da utilização de metodologias de outros campos, afirmam que se trata de algo frequente na área das artes cênicas,

> mas são sistematizações que não necessariamente foram ou estão estruturadas por pensadores artistas. Até as pesquisas qualitativas advindas do campo das Humanidades, [...] a guardar um pensamento lógico que pode considerar a teoria como um conhecimento *a priori*. (Braga e Prette, 2020, p. 04).

Ciane Fernandes verticaliza sua crítica ao pontuar o quão grave é tomar emprestado ferramentas metodológicas de outros campos, posto que

> a metodologia norteia e organiza (nesse caso, manipula e distorce) todo o material artístico sob perspectivas históricas, filosóficas e políticas não apenas diversas do tema artístico, mas cuidadosamente dominador e doutrinário deste. Para completar o processo traumático, esse empréstimo **é acrescido do discurso enganoso de emancipação da arte através da pesquisa científica. Enquanto continuarmos a usar outros campos como fundamentos para nossa pesquisa, continuaremos a legitimar nossa auto-marginalização e a dicotomia entre fazer e pensar, serviço braçal e atividade intelectual,** com desvalorização da primeira e hegemonia da segunda. O artista-pesquisador tem uma habilidade única: transformar dicotomias seculares em modos somáticos e ecológicos de vida contemporânea. (Fernandes, 2014, p. 76-77, grifo nosso).

Fernandes e Scialom (2022) afirmam que "a Pesquisa Somático-Performativa se insere no contexto da Prática como Pesquisa (PaR; Barrett e Bolt, 2007), e relaciona-se diretamente com a Pesquisa Performativa e a Pesquisa Somática e, em menor grau, com a Somaestética" (p. 82). As autoras pontuam ainda que o reconhecimento da prática artística como conhecimento no meio acadêmico vem sendo discutido no Brasil desde a década de 1990, embora já nos anos 1980 houvesse pesquisas com prática nos cursos de pós-graduação. Ressaltam, entretanto, que "o fato de a Prática como Pesquisa não ter sido nomeada com uma terminologia distinta na pesquisa acadêmica nacional impede a possibilidade de traçar uma linhagem precisa de suas raízes" (p. 2). O termo *PaR – Practice as Research* "só chegaram ao país e passou a ser usado na produção acadêmica nacional na segunda década do século XXI" (p. 2).

> Em geral, mesmo quando a prática artística é desenvolvida durante toda a pesquisa de pós-graduação, estudantes tendem a procurar outras descrições metodológicas quando vão escrever a dissertação ou tese (na maioria das vezes porque são aconselhados a fazer isso) para seguir as regulamentações acadêmicas. Isto provavelmente se deve à desinformação generalizada sobre PaR, e ao equívoco de achar que praticar arte durante a pesquisa já se configura como PaR. Esta situação leva a duas atitudes contrastantes e mutuamente excludentes: invalidar PaR e colocar outras metodologias em primeiro plano; ou assumir que toda prática é pesquisa. (Fernandes e Scialom, 2022, p. 10).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Aparentemente, as autoras Fernandes, Scialom, Braga e Prette divergem de Velardi ao reforçarem a importância de evidenciar e utilizar metodologias criadas por artistas-pesquisadores(as), bem como de nomear as ferramentas. Nesse sentido, em consonância com essas autoras, entendo que nomear significa marcar um espaço-tempo político de fazer e pensar. Não se trata apenas de descrever como a pesquisa é realizada, mas de evidenciar modos de produção de conhecimento que implicam o posicionamento de quem faz, de como faz e de quais saberes e fazeres são mobilizados, conferindo corpo e densidade à pesquisa.

Ainda assim, considero relevantes os apontamentos de Velardi, que sugere que, antes de "procurarmos modos e métodos que operacionalizem a pesquisa em Artes, [...] é preciso nos darmos conta de que método é, antes de tudo, forma de pensamento" (2018, p. 48). A autora, em seguida, lança uma série de perguntas fundamentais para refletir sobre a escolha das ferramentas metodológicas. Destaco algumas:

> Como pensamos sobre a vida da carne e a encarnação na pesquisa acadêmica, por exemplo? Atuando na e atuando a pesquisa e estando presente, presentificando a experiência vivida, encarnada. Esse é um modo. [...] Pensando desses modos, o que é possível? Ver? Enxergar? Compreender? Analisar? Narrar? Sintetizar? Repare, o verbo vem depois: a ação é consequência... o objetivo da ação é consequência do pensamento. Mas e o pensamento? Muitas vezes vem depois da imersão, da vida, da experiência corporificada, vivida ou encarnada. Sabemos disso. Sabemos? (Velardi, 2018, p. 48).

Penso que, com essas perguntas, fica evidente que as autoras diferem sobre como nomear as metodologias, mas estão em consonância no como a pesquisa acontece, na prática, no corpo, na experiência, sugerindo possibilidades que divergem dos cânones da pesquisa científica.

Descrever o inapreensível

As pesquisas baseadas nas práticas artísticas relacionam-se diretamente com os modos de fazer, nos quais fazer e saber estão imbricados. Dessa forma, a descrição de seus procedimentos torna-se parte fundamental da investigação.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Descrever o processo criativo ou as práticas performativas – como optou por convencionar o artista da cena e professor Gilberto Icle em *Descrever o inapreensível* (2019) – tem chamado a atenção de pesquisadoras e pesquisadores, pois vai além de registrar o estudo: trata-se de um aspecto "notadamente metodológico. […] Trata-se de problematizar o estatuto daquilo que se descreve. […] Como é possível descrever mantendo na escrita a dimensão performativa do fenômeno que se descreve?" (Icle, 2019, p. XLVIII).

A partir dessa questão inicial emergem diversos impasses, dúvidas e limitações que a própria linguagem impõe à tarefa de descrever o indescritível: descrever algo efêmero, o movimento, o processo, o devir.

> Com efeito, essa é uma pergunta difícil e mesmo impossível de se responder em sua plenitude. Não porque não possamos elencar diversas formas de descrever, não porque não possamos descrever técnicas de descrição, não porque não tenhamos acumulado conhecimentos suficientes sobre escrita e não possamos lançar mão deles para melhor escrever; mas, porque a dificuldade se centra em saber *quando* a escrita pode ser ou não performativa. (Icle, 2019, p. XLIX).

Ao complexificar a questão inicial, Icle introduz a reflexão sobre "quando a escrita pode ser ou não performativa", compreendendo a escrita performativa como "a capacidade que uma descrição pode ou não ter de fazer alguma coisa no leitor para além de apenas comunicar" (Icle, 2019, p. XLIX). O autor acrescenta: "[…] Dito isso, percebemos como performativo o texto que, para além de nos reportar ao ocorrido, a performance, permite-nos recriar na ausência do ocorrido a sensação que a substitui" (Icle, 2019, p. XLIX).

Ao longo do artigo, Icle acrescenta mais uma camada às problematizações lançadas: "Assim, a questão [...] não é apenas metodológica, como também epistemológica em um sentido mais amplo. Trata-se de saber como percebemos uma descrição como válida em relação à performance que ela descreve" (Icle, 2019, p. XLIX).

Do meu ponto de vista, como artista da cena, penso que o processo de descrever procedimentos e o processo criativo é de ordem individual, produzindo ressonância e/ou identificação em algumas pessoas quando compartilhado. A ideia de que o pessoal é político ressoa particularmente com essas questões. Com

frequência, ao descrever a pesquisa — seja um processo criativo próprio ou de outros(as) artistas — a escolha por uma linguagem mais acessível e em primeira pessoa pode aproximar a leitora e o leitor da experiência descrita.

A atriz-pesquisadora Ana Cristina Colla, autora de um dos artigos da obra organizada por Icle, utiliza "escrita em primeira pessoa, com frases curtas, as vezes telegráficas, resulta um efeito um tanto poético e um tanto literário" (2019, p. XLVI),

> Como descrever? Por aproximações?
> Adapta aqui, corta ali, aperta um pouquinho acolá.
> E no final, o que ficou foi o vivido ou foi uma nova criação?
> E o que não é possível descrever?
> O vazio. O caos. O êxtase. O medo. A dor. O prazer. O encontro. O suor. O muro. A porta que se abre e nem se sabe porque hoje abriu, já que há meses estava fechada. E amanhã? A certeza de que nada garante que ela se abrirá novamente. Mesmo assim, repetimos passos, recriamos caminhos, organizamos procedimentos e erguemos pilares para dizer o fazer. Por vezes, é aqui que secamos, perdemos o viço. Tornamos quadrado o que é redondo. O líquido, em matéria rija. E vale? Claro que vale. Assim aprendemos a conceituar, organizar, criar pontes e fundir qualidades diferentes, partilhar. Desde que não se tornem amarras. Desde que não busquemos receitas que funcionem (Colla, 2019, p.107).

Jussara Belchior (2020), em seus modos de descrever, parte de sua trajetória como doutoranda e serve como inspiração na busca por formas de dar "carne" à palavra escrita. A autora compartilha a pesquisa no cotidiano, tal como se manifesta em seu próprio corpo, reinventando passos de dança e tecendo criação a partir de memória e investigação. Propõe uma escrita que burla as regras tradicionais da ABNT, apresentando uma forma de textualizar e descrever que possui o potencial de inspirar outras/os pesquisadoras/es.

As provocações trazidas por Icle, por não se destinarem a fornecer respostas definitivas, podem parecer inacessíveis ou difíceis. Contudo, a ausência de respostas certas ou erradas abre espaço para que possamos experimentar formas diversas de investigação.

A respeito da escrita acadêmica, a artista da dança, professora e pesquisadora Mariana Andraus diz:

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> Relatar como se escreveu não significa provar que se escreveu 'bem' [...] Às vezes, as páginas mais luminosas sobre os processos artísticos foram escritas por artistas menores que produziam efeitos modestos, mas sabiam refletir bem sobre seus próprios processos (Andraus, 2022, p. 4).

A autora reconhece na escrita, no relato da prática uma forma de dar continuidade à pesquisa, de produzir reflexões que possam ser compartilhadas. E, conforme Andraus (2022), a escrita ainda é uma forma estabelecida academicamente, possamos concordar ou não. Acredito que se conseguirmos produzir textos e nos infiltramos nas frestas da academia, podemos ir aos poucos transformando esse espaço ainda tão enrijecido e cheio de balizas, o que não impede também de buscarmos outras formas de compartilhar – fotos, vídeos - e refletir sobre nossos fazeres.

Influenciando outros campos de conhecimento

Os modos de fazer artísticos e a ideia de processo criativo têm, eventualmente, influenciado outros campos do conhecimento na investigação e na criação de metodologias baseadas nas artes. A professora Rosa Maria Bueno Fischer questiona: "como ficar entre a ciência e a arte, entre o vivido e o pensado?" (2021, p. 2), em artigo no qual discute a possibilidade de desenvolver pesquisa tendo como referência metodológica processos de criação artística. Ela complementa: "Estou falando em pesquisa como ensaio. Tudo se passa como se, na academia, continuássemos a separar o vivido e o pensado, a teoria e a prática" (2021, p. 3).

No caso apresentado, Fischer lança questionamentos sobre como orientar Elena, estudante-professora que, por diferentes motivos, apresenta dificuldades para iniciar a escrita de sua tese. A autora volta seu olhar para os processos criativos de artistas e seus modos de fazer como possibilidade metodológica, pois eles apreendem experiências situadas e saberes localizados, permitindo conectar a pesquisa — a discussão teórica — com o cotidiano da orientanda como professora de escola, além de produzir uma escrita com corpo, com carne.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A autora cita, entre suas referências, a Investigação Baseada nas Artes (IBA), ou *Arts-Based Research* (ABR), como modalidade de pesquisa que surgiu entre as décadas de 1970 e 1980 (Fischer, 2021), sendo o termo originalmente utilizado por Elliot Eisner. Como explica Hernández (2008, p. 90), "o que Eisner (1988) propõe, […], é que o conhecimento também pode derivar da experiência. E uma forma genuína de experiência é artística".

O pesquisador espanhol Fernando Hernández, a partir das proposições de Eisner, reivindica uma abertura das práticas e das pesquisas em educação, de modo a enfatizar nelas um tipo de criação mais aberta ao sensorial, à multiplicidade e à incompletude dos processos (Hernández, 2008, p. 89).

> Temos assim uma primeira definição, que vem da reflexão de Barone e Eisner (2006), que configura o *IBA* como um tipo de pesquisa de orientação qualitativa que utiliza procedimentos artísticos (literários, visuais e performativos) para dar conta de práticas experienciais. Os diferentes sujeitos (pesquisador, leitor, colaborador) e as interpretações de suas experiências revelam aspectos que não são visíveis em outros tipos de pesquisa. (Hernandez, 2008, p. 92-93).

Metodologias de pesquisa como a A/R/Tografia têm "[...] relação com a compreensão de que há, em boa parte dos estudos educacionais baseados no pensamento artístico, uma conexão entre criar, lecionar e pesquisar que é intrínseca ao trabalho investigativo empreendido por arte-educadores" (Bertoni e Correa, 2020, p. 304). Desenvolvida desde o campo da educação, estimulam as tramas entre processo criativo e docência,

> o imprescindível estabelecimento de parcerias em investigações a/r/tográficas assemelha-se ao que acontece em processos de criação em Arte de modo geral. No seu cotidiano de trabalho, artistas encontram parcerias-referência e parcerias que servirão como inspiração. (Salles, 2015, p. 26).

Destaco a A/r/tografia como um dos diversos métodos que surgiu a partir da perspectiva da *IBA*, assim como outros tantos que inundaram a literatura:

> a/r/tografia; formas alternativas de representação; pesquisa com base estética; prática de pesquisa estética; a arte como indagação; a prática artística como pesquisa; inquérito baseado em arte; pesquisa baseada em arte; investigação artística; pesquisa qualitativa baseada em artes; artes na pesquisa qualitativa; pesquisa educacional baseada em artes; pesquisa em saúde baseada em artes; [...] No

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> entanto, essa tentativa frenética de rotular os trabalhos levou à confusão dos termos. (Velardi e Bizerra, 2023, p. 6).

E, com relação à profusão de termos, Fortin e Gosselin indicam que buscar uma definição única da Pesquisa em Artes é prejudicial, "uma vez que investigações em artes tendem a mudar ao longo do tempo com os artistas que farão arte, e que estão buscando diferentes objetivos, utilizando diferentes ferramentas metodológicas" (2014, p.1). A professora Marília Velardi nos diz que

> Cuidar dos percursos, valorizar os processos e narrá-los detalhadamente, erros e acertos: essa é talvez a mais importante premissa daquelas pessoas pesquisadoras que apostam no fato de que as formas de investigação dentro e fora das Artes podem ser inspiradas por artistas em seus processos, **e não só por epistemologias consagradas ou teoria a priori**. Isso especialmente se a proposta for investigar experiências vivas, postas no mundo em movimento. E elaborarmos uma narrativa que seja coerente com isso tudo - e a trazermos para a Academia - parece mais do que uma tarefa, uma urgência. (Velardi, 2018, p. 52, grifo nosso).

Como artista-pesquisadora da cena, interesso-me em aprofundar meu olhar sobre as metodologias de pesquisa propostas por artistas, a partir de processos criativos e de suas práticas em diálogo com a teoria, pois trata-se de um viés significativo no meio acadêmico e em constante construção. Ao refletir sobre metodologias que reconheçam os modos de fazer e saber próprios das artes cênicas, proponho-me a falar a partir do campo ao qual pertenço, contribuindo com as reflexões e discussões sobre o tema, em busca de validar experiências de artistas pesquisadores/as que escapam à lógica cartesiana e renunciam à centralidade do sujeito lógico e individualizado.

Partilho da urgência de descrevermos nossos procedimentos de pesquisa como forma de validar, fortalecer, ampliar e colaborar com a construção das pesquisas em Artes da Cena. Como lembram Maturana e Varela (1995), "todo fazer é conhecer, e todo conhecer é fazer" e "todo ato de conhecer produz um mundo" (p. 68). Trata-se de um conhecimento produzido no fazer, na experiência, na conversa, no convívio – modos que podem contribuir para vislumbrarmos e imaginarmos outros mundos possíveis. A pesquisa em Artes da Cena não se limita a métodos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

preestabelecidos, mas se realiza na descoberta do caminho pelo fazer, valorizando processos, experimentações e modos próprios de registro e escrita.

Referências:

ALEIXO, Fernando. Prefácio. In: TELLES, Narciso (org.). *Pesquisa em artes cênicas: textos e temas*. Rio de Janeiro: [Editora], 2012. p. 5-11.

ANDRAUS, Mariana Baruco. Machado. Artes da Cena e Teorias de Conhecimento: pesquisas poéticas em cena à luz do pensamento de Thomas Kuhn. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 12, n. 4, e114484, 2022, p. 1-26.

BOLOGNESI, Mario Fernando. As artes circenses e a pesquisa no Brasil. In: TELLES, Narciso (org.). *Pesquisa em artes cênicas: textos e temas*. Rio de Janeiro: [Editora], 2012. p. 59-67.

BRANDÃO, Tânia. Metodologia nas pesquisas em Artes Cênicas no Brasil. *Urdimento – Revista de Estudos Teatrais na América Latina*, n. 3, 2000. p. 4-14.

CARREIRA, André. Pesquisa como construção do teatro. In: TELLES, Narciso (org.). *Pesquisa em artes cênicas: textos e temas*. Rio de Janeiro: [Editora], 2012. p. 15-33.

COLLA, Ana Cristina. Cartografia dos Corpos em “SerEstando Mulheres”. In: ICLE, Gilberto (org.). *Descrever o inapreensível: performance, pesquisa e pedagogia*. São Paulo: Perspectiva, 2019. p.105-136.

CORRÊA, Josiane G.; SANTOS, Vera Lúcia B. Bricolagem metodológica na pesquisa com professoras de dança: tramas, fazeres e percursos a/r/tográficos. In: FAGUNDES, Patrícia *et al* (org.). *Pesquisa em Artes Cênicas em Tempos Distópicos: rupturas, distanciamentos e proximidades*. Porto Alegre: PPGAC-UFRGS/Faísca Design Jr., 2020. Cap. 16. p. 299-317.

DAVINI, Silvia Adriana. A pesquisa em teatro: a questão da palavra e da voz. In: TELLES, Narciso (org.). *Pesquisa em artes cênicas: textos e temas*. Rio de Janeiro: [Editora], 2012. p. 69-109.

DUSIGNE, Jean-François. Quando as pesquisas sobre processos criativos se tornam criações [tradução de André Mubarack]. In: ICLE, Gilberto (org.). *Descrever o inapreensível: performance, pesquisa e pedagogia*. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 83-101.

FERNANDES, Ciane. A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático Performativa. In.: *Anais ABRACE*, Belo Horizonte, 2014.

FERNANDES, Ciane; SCIALOM, Melina. Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais. In: *Revista de Ciências Humanas*, v. 22, n. 2. Julho-Dezembro 2022.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Por uma Escuta da Arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2021.

FLORENTINO, A. A problematicidade epistemológica do saber teatral. In: FLORENTINO, A.; TELLES, N. (eds.). *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 9-15.

FLORENTINO, Adilson. Teatro e produção de conhecimento: o percurso epistemológico da pesquisa. In: *Anais ABRACE*, 2009.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. *Cena*, 2009, p. 77-88.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. *Art Research Journal* , Brasil, Vol. 1/1, Jan./Jun. 2014, p. 1-17

HERNÁNDEZ, Fernando Hernández. La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en educación. *Educatio Siglo XXI*, n.º 26, 2008, pp. 85-118.

ICLE, Gilberto. Como Descrever os Processos de Criação das Práticas Performativas. In: ICLE, Gilberto (org.). *Descrever o inapreensível: performance, pesquisa e pedagogia*. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. XXXV-LVII.

MARINIS, Marco de. Ter experiência da arte: para uma revisão das relações teoria/prática no contexto da nova teatrologia [tradução de André Carreira]. In: TELLES, Narciso (org.). *Pesquisa em artes cênicas:* textos e temas. Rio de Janeiro: [Editora], 2012. p. 35-44.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano*. [Tradução Jonas Pereita dos Santos]. Campinas Editorial Psy II, 1995.

SANTOS, Jussara Belchior. Breves relatos de uma bailarina gorda. *DAPesquisa,* Florianópolis, v. 15, n. esp., 2020, p. 01-15.

TELLES, Narciso. Paragens de uma artista-docente-pesquisador. In: TELLES, Narciso (org.). *Pesquisa em artes cênicas: textos e temas*. Rio de Janeiro: [Editora], 2012. p. 45-58.

VELARDI, Marilia. Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. In: *Moringa*, v. 9, n. 1, 2018, p. 43-54.

KERSTING, Juliana. BREVE APANHADO SOBRE METODOLOGIAS DE PESQUISA EM ARTES DA CENA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-20.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

VELARDI, Marilia; BIZERRA, André. Mapeamento da produção artístico acadêmica de Dança nos programas brasileiros de pós-graduação em Artes: um olhar sobre os métodos de investigação. *Revista Pensar a Prática*. v. 26, 2023.

Recebido em:18/09/2026 .
Aceito em: 17/11/2026 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Juliana Kersting
Doutoranda, desde abril 2021, no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CAPES desde agosto 2022, com orientação da professora doutora Silvia Patricia Fagundes. Mestra pela mesma instituição (bolsista CAPES), com dissertação e espetáculo de teatro feminista NO TE PONGAS FLAMENCA! - corpo memória de uma atriz bailaora (2019). Graduada em Artes Cênicas - Habilitação em Interpretação Teatral - pela UFRGS (2005). Integra o grupo de pesquisa FRESTA - Investigação em artes da cena, festividades e política. Atriz, produtora e professora de teatro e dança flamenca. Integrante da Cia de Flamenco Del Puerto desde 2007 e fundadora da M.A.cia - teatro, dança e assemelhados, 2015, Porto Alegre.Atua na área de Artes Cênicas como atriz, bailaora, produtora e pesquisadora, com ênfase na investigação criação e produção ,saberes da cena e contra hegemônicos. Mãe da Elis.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9734-3653
E-mail: julikersting@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/